

JACOBS, Susan G., *Plutarch's Pragmatic Biographies: Lessons for Statesmen and Generals in the Parallel Lives*, Leiden & Boston, Brill Academic, 2018, 471 pp. ISBN: 978-90-04-27660-4.

Numa versão mais extensa e beneficiando da reflexão de estudos entretanto publicados, este livro tem por base a tese de doutoramento que S. Jacobs concluiu, em 2011, na Universidade de Columbia. Ao longo de uma estrutura tripartida (Parte 1: “Training the Politikos under Rome; Part 2: “Political and Military Leadership”; Part 3: “Ruling and Being Ruled”), com um total de dez capítulos, a A. enquadra teoricamente o tema do livro na Parte 1 e depois passa a uma análise mais objetiva de seis pares biográficos nas outras duas partes.

Na Introdução, percebemos como a A. valoriza a sequência estrutural da biografia plutarquiana: prólogo, duas vidas, *synkrisis*. Procurará, assim, interpretar a relação entre as partes estruturais e o papel que desempenham na narrativa biográfica. Percorrendo, de forma resumida, conceitos como “moral biography”, “descriptive moralism” ou a combinação do julgamento ético com temas políticos, chega ao conceito que pretende desenvolver no seu livro: “pragmatic biography”, que relaciona com a “pragmatic history” de Políbio. Entende a A. que a “pragmatic biography” não considera as *Vitae* apenas uma forma de levar a audiência a ser um bom ser humano, com valores e princípios morais, mas a ser um bom ser humano com uma efetiva participação política ou cívica. Por isso, se advogue a conciliação do saber filosófico com um conhecimento mais prático, num contexto, o da escrita de Plutarco, em que a Grécia está sob domínio do Império Romano.

Na Parte 1, a A. faz uma revisão da influência platónica na concepção moral e política de Plutarco, mas, parece-nos, poderia ter-se detido com mais profundidade na presença aristotélica e peripatética, sobretudo por ter a intenção de interpretar o pragmatismo da narrativa. Apesar de realçar as principais ideias dos tratados políticos de Plutarco, parece-nos que seria aconselhável, nesta parte do livro, uma maior relação com as biografias. Saliente-se a clareza com que a A. expõe uma questão bastante complexa: qual a audiência dos *Moralia* e das *Vitae*? Concordamos com a tese de que a audiência seria maioritariamente pertencente a uma elite política bastante ativa (*philologoi* e *politikoi*), mas mais complicado é definir uma audiência única para o conjunto da obra, tendo em conta a sua diversidade temática. A A. detém-se, ainda, em interessantes reflexões sobre a organização local do Império e como aí exerciam o seu poder os procuradores. Além disso,

introduz perspetivas da cultura identitária da época, em que Roma e Grécia mantêm identidades distintas, mas com muitas interseções (remete para a expressão “middle ground” de P. Stadter). No Capítulo 2, para fundamentar o modelo usado por Plutarco, a A. faz uma descrição sumária de alguns autores (Cícero, Séneca, Quintiliano, Plínio, Díon de Prusa) que se dedicaram a apresentar conselhos políticos, em paralelo com elementos éticos e morais. Ao longo da descrição, estabelece uma comparação sumária com os tratados políticos de Plutarco. À semelhança de Díon, Plutarco defende a autonomia das *poleis*, sob o domínio romano, preferindo que se fomente a *homonoia*, conceito merecedor de mais atenção neste estudo. Para se compreender melhor a “pragmatic biography”, a A. incluiu a análise aos autores da “pragmatic history” (Políbio, Diodoro Sículo e Dionísio de Halicarnasso), com a indicação das diferentes perspetivas de análise, em que alude também a Tucídides, a Xenofonte e T. Lívio, enquadrando, assim, as características do género biográfico em Plutarco. O mesmo sucede com a secção dedicada a Cornélio Nepos, cujo biografia, tal como a de Plutarco, não é encomiástica, embora se possam apontar, como A. refere, várias diferenças. No último capítulo da Parte 1, a A. realça o papel do prólogo e da *synkrisis*, estabelecendo não só uma relação temática entre estas duas partes estruturais da biografia plutarquiiana, mas tipificando os vários géneros de prólogo e de *synkrisis*, em que demonstra não estarmos simplesmente perante um recurso retórico, mas que inclusive desempenham essas duas partes uma função didática relevante pela forma como introduzem ou sintetizam valores e ações que os biografados partilham ou que os distinguem.

A Parte 2 é dedicada à análise da liderança política e militar nos pares biográficos de *Péricles-Fábio Máximo*, *Coriolano-Alcibiades* e *Agésilau-Pompeio*. A A. optou por repetir a mesma sequência estrutural na sua análise: introdução do par biográfico, com indicação da presença dos biografados nos *Moralia* e *Vitae*; resumo da primeira vida, referindo-se as principais fontes literárias, características morais, intervenção política e militar, bem como a relação com familiares, companheiros e rivais, estratégia de comando e um sumário final com as principais características evidenciadas na ação política e/ou militar. Com uma atividade política relevante, são mais os motivos dignos de serem emulados nas biografias de Péricles e Fábio Máximo do que os vícios. Isso mesmo é realçado na *synkrisis*. O par *Coriolano-Alcibiades* junta duas figuras que são, em muitas fontes históricas, maus exemplos pelo facto de terem lutado, respetivamente, contra Roma e Atenas. De facto, também Plutarco narra várias ações políticas ou traços

do *ethos* que são negativos. Os dois tiveram, como bem salienta a A., duas carreiras: Coriolano teve uma atividade em Roma e outra entre os Volscos, enquanto Alcibiades uma antes e outra depois do exílio. Há, no entanto, algo que distingue Alcibiades: a sua *paideia*. Se na juventude não aplicou a *paideia* ou os princípios filosóficos de Sócrates, mais tarde isso viria a ser determinante no seu percurso. Quanto a Coriolano, um exemplo de ausência de *paideia*, tem muita dificuldade em controlar a sua *orge*, como se nota nas decisões precipitadas, provocando a hostilidade dos outros. Pela forma como geram a sua liderança e conseguem a reconciliação, quer pela ação, quer por terem valores positivos, Plutarco enfatiza na narrativa virtudes e vícios, assim demonstrando como o exercício do poder é exigente, pelo que confere o biógrafo um papel essencial às qualidades éticas. No último par biográfico analisado nesta Parte, o de *Agésilau-Pompeio*, apresentam-se dois heróis cuja ação militar é, segundo Plutarco, comparável à de Alexandre. Mais do que o *ethos*, a A. prefere realçar a forma como Agésilau e Pompeio consolidam a sua hegemonia, estabelecem alianças e definem a estratégia política e militar. Pompeio, sobretudo, distingue-se pelas várias alianças que teve de fazer, o que revela a sua capacidade de adaptação às circunstâncias, enquanto Agésilau suspendeu as leis, um sinal da sua clarividência política. Se Pompeio acedeu ao poder pela via normal, ao contrário de Agésilau, na verdade os dois são paradigmas de liderança, apesar dos erros que cometeram na relação com companheiros ou rivais, seja pela sua ambição ou pela vontade desmedida de fama.

Na Parte 3, a A. concentra a sua análise na capacidade de governar e de ser governado, num tempo que exigia uma grande perícia política para as *poleis* manterem a sua autonomia em relação ao poder romano. Para abordar as várias temáticas que se relacionam com a ação política, recorre a três pares biográficos: *Emílio Paulo-Timoleonte*, *Demétrio-António* e *Fócion-Catão de Útica*, seguindo a mesma estrutura da Parte 2. No par *Emílio Paulo-Timoleonte*, tal como sucede em alguns tratados morais (e.g., *Da fortuna dos Romanos*) um dos aspetos centrais é o efeito da *tyche* no sucesso e no fracasso dos heróis. No caso de Emílio Paulo, a sua ação política e também militar, bem como a forma como se relacionou com Perseu, os Gregos e os Macedónios, revelam como valorizava os costumes ancestrais e usava a disciplina e autoridade junto das tropas bem preparadas para os combates, ao contrário de Perseu. Na verdade, Emílio Paulo é um herói paradigmático pela maneira como, humildemente, lida com a boa *tyche* e por não se deixar abater quando

ela lhe é mais desfavorável. Timoleonte, por sua vez, distingue-se na luta contra a tirania em Corinto e Siracusa. Indiferente ao luxo e à riqueza, defendia que se devia governar e ser governado pelas leis. Perante os vários desafios políticos e militares que enfrentou, Timoleonte soube usar a sua perspicácia e competência, até para tirar o melhor proveito possível da *tyche*. Na *synkrisis*, Plutarco reafirmará a capacidade que tiveram para exercer a autoridade, sem permitir que o poder os corrompesse. De seguida, o par *Demétrio-António* surge como o paradigma de ‘maus governantes’, por todos os abusos de poder que cometeram, para afirmar a autoridade e supremacia, mas cujas vidas permitem perceber um pouco melhor a relação tensa das *poleis* com os governadores das províncias. Embora estes sejam mais realçados pelos seus vícios, as suas biografias também nos ajudam a refletir sobre um tema sempre muito atual: os diversos caminhos do poder e da sua consolidação, tal como são também diversas as faces da *tyche*. No caso de Demétrio, os erros foram, sobretudo, a vida privada pouco recatada, o desejo de receber honras ou de ser adulado e a pouca observância da justiça. Traços de carácter mais negativos não o impediram, ainda assim, de conseguir conquistas importantes e de merecer o respeito (ou o medo) daqueles que o acompanhavam. Marco António, por sua vez, partilha, com Demétrio, o facto de potencialmente ter uma natureza capaz de produzir grandes feitos, mas prefere, em muitos casos, ser licencioso e insolente. Estas duas biografias revelam, de alguma forma, a ausência de complementaridade entre filosofia e liderança política, como Plutarco defende em alguns tratados políticos. Apesar dos seus vícios, Plutarco procura salientar a maneira como Marco António obteve a lealdade dos soldados e conseguiu restaurar a harmonia numa situação de crise. Como a A. refere, Plutarco, na descrição que faz do suicídio de Marco António, confere-lhe mais nobreza do que a maioria das fontes. De facto, estas duas biografias têm uma forte intenção didática, pois o objetivo é que não se repitam os mesmos erros no exercício de funções de comando. No último par biográfico, o de *Fócion-Catão de Útica*, interessa perceber como os dois agiram enquanto governados, sem terem tido posições de poder como os dois anteriores pares biográficos. Este par permite a Plutarco refletir sobre diversos temas que são corretamente identificados pela A.: o valor da liberdade e da prosperidade; o perigo da adulação nas relações entre governantes e governados; a diferença entre ser ‘bom homem’ e ‘bom governante’; o confronto que, por vezes, existe entre um *ethos* virtuoso e a necessidade política. Este conjunto de

reflexões remetem para um desafio extremamente importante no tempo de Plutarco: manter o bem-estar nas *poleis* e a harmonia com as autoridades romanas. Quanto a Fócion, são realçadas as suas capacidades políticas, militares e diplomáticas, recorrendo a uma sólida formação filosófica. Por sua vez, na biografia de Catão de Útica explora-se a distinção entre filosofia e política, distanciando-se Plutarco do conceito platónico de ‘filósofo-rei’. Nos incidentes em que se viu envolvido, Catão de Útica permaneceu íntegro e incorruptível, mas isso teve um custo político, uma vez que abre espaço a políticos oportunistas. Esta Parte termina com uma conclusão geral, que poderia estar numa parte autónoma. Repetem-se as ideias principais das conclusões parciais, sem dúvida muito úteis, que a A. foi fazendo ao longo do livro. Com pouca relação com o objetivo do livro, inclui, na conclusão, uma secção dedicada à receção das *Vidas*, como biografia pragmática, na cultura ocidental.

Estamos na presença de um livro bem estruturado e que revela um conhecimento aprofundado das *Vidas*, mas também dos *Tratados Morais*, sobretudo daqueles que se dedicam à temática política. Na Introdução, a A. poderia ter explicado melhor os critérios que a levaram a escolher os seis pares biográficos que integram as Partes 2 e 3. Embora se compreenda a estrutura que delineou, ela provoca algumas repetições entre a introdução do par e a conclusão da análise. Em todo o caso, trata-se de um contributo relevante para os estudos plutarquianos, sendo o tema do pragmatismo das biografias motivo de reflexão por parte de vários estudiosos, nas últimas décadas.

JOAQUIM PINHEIRO

pinus@uma.pt

Universidade da Madeira

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

<https://orcid.org/0000-0002-5425-9865>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_76_13